



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ EMERSON GONÇALVES DA SILVA

**ESCRITAS LITERÁRIAS DE MARIA VALERIA REZENDE E CAROLINA DE
JESUS: MEMÓRIA E HISTÓRIA**

**CAMPINA GRANDE
2021**

JOSÉ EMERSON GONÇALVES DA SILVA

**ESCRITAS LITERÁRIAS DE MARIA VALERIA REZENDE E CAROLINA DE
JESUS: MEMÓRIA E HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduação em
Licenciatura em História.

Área de concentração: História e Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Jose Emerson Goncalves da.

Escritas literárias de Maria Valeria Rezende e Carolina de Jesus [manuscrito] : memória e história / Jose Emerson Goncalves da Silva. - 2021. 21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão , Coordenação do Curso de História - CÉDUC."

1. História. 2. Literatura. 3. Memória. 4. Gênero. I. Título

21. ed. CDD 809

JOSÉ EMERSON GONÇALVES DA SILVA

**ESCRITAS LITERÁRIAS DE MARIA VALERIA REZENDE E CAROLINA DE
JESUS: MEMÓRIA E HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/aos Coordenação
/Departamento do Curso História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduação em Licenciatura em História.

Área de concentração: Literatura e
História.

Aprovada em: 19 / 10 / 2021


BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Patricia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)



Prof.ª Dra. Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O voo da guará.....	12
Figura 1 – Quarto de Despejo.....	13
Figura 1 – Vasto mundo.....	13

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 HISTÓRIA E LITERATURA: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E ESCRITA DE SI.....	8
3 ESCRITA FEMININA NA LITERATURA: ENTRE O GÊNERO E A MEMÓRIA OS LUGARES DE MARIA VALERIA REZENDE E CAROLINA MARIA DE JESUS.....	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

ESCRITAS LITERÁRIAS DE MARIA VALERIA REZENDE E CAROLINA DE JESUS: MEMÓRIA E HISTÓRIA

JOSÉ EMERSON GONÇALVES DA SILVA¹

RESUMO

A escrita feminina no campo literário possibilita perceber as nuances da produção das mulheres sobre situações sociais. A proposta desta pesquisa é fomentar uma discussão em torno da escrita feminina com ênfase nas obras de Maria Valéria Rezende e Carolina Maria de Jesus, articulada às questões em torno da memória e História. A escrita ficcional é uma representação de suas experiências: o viver, o cotidiano e as memórias fazem parte da construção do literato, possibilitando-nos uma maior aproximação das experiências verbalizadas contidas na essência das letras. Todavia, o discurso presente no literato estende-se além de um caráter estético, transformando-se em manifesto de memórias, vozes que ecoam para além dos sentidos. A invenção e a fabricação das múltiplas representações das experiências culturais, fecundadas na legitimidade da aproximação do ficcional com o real, gestam novos espaços dos quais a Literatura é observada como declaração histórica. Portanto, intenta-se, discutir por linhas gerais, a relação entre memória, História e Literatura alicerçada em Chartier (1990), Halbwaschs (1990); Nora (1993); Scott (1992); Certeau (2010); dentre outros autores. Considero a escrita literária uma ferramenta capaz de construir e ressignificar lugares de memórias, sendo esta responsável por identificar as realidades que emergem no coletivo, como também as representações que configuram os modos de ver, sentir e ler, o vasto mundo.

Palavras-chaves: História. Gênero. Literatura. Memória.

ABSTRACT

Female writing in the literary field makes it possible to perceive the nuances of women's production on social situations. The purpose of this research is to foster a discussion around women's writing, with emphasis on the works of Maria Valéria Rezende and Carolina Maria de Jesus, articulated to issues around memory and history. Fictional writing is a representation of their experiences: living, everyday life and memories are part of the construction of the literate, enabling us to come closer to the verbalized experiences contained in the essence of the letters. However, the discourse present in the literate extends beyond an aesthetic character, becoming a manifest of memories, voices that echo beyond the senses. The invention and fabrication of multiple representations of cultural experiences, fertilized in the legitimacy of the approximation of the fictional with the real, generate new spaces from which Literature is observed as a historical statement. Therefore, it is intended to discuss in general lines the relationship between memory, History and Literature. based on Chartier (1990), Halbwaschs (1990); Nora (1993); Scott (1992); Certeau (2010); among other authors. I consider literary writing a tool capable of constructing and resignifying places of memories, which is responsible for identifying the realities that emerge in the collective, as well as the representations that configure the ways of seeing, feeling and reading, the vast world.

Keywords: History. Genre. Literature. Memory.

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – E-mail: jegdsbr@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura é a arte de criar e dar sentido a imaginação. Fugindo de uma obrigatoriedade em atenuar fatos, o campo literário busca manifestar-se enquanto uma experiência humana cercada em torno da memória, linguagem e estética. Em contrapartida, a História se atenta aos fatos para elucidar questões em torno do homem. Segundo, Paul Valéry (1945):

A História é o produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou. Suas propriedades são bem conhecidas. Ela faz sonhar, embriaga os povos, provoca falsas lembranças, exagera seus reflexos, cultiva suas velhas feridas, atormenta-os quando em repouso, os conduz ao delírio de grandeza ou ao de perseguição, e torna as nações amargas, soberbas, insuportáveis e vãs. A História justifica aquilo que quisermos. Ela não ensina rigorosamente nada, pois contém tudo e fornece exemplos de tudo (Valéry, 1945, p. 39).

Nesse sentido, a História e a escrita são forjadas por redes de saberes cujas composições, no tempo e no espaço, vão se delineando por meio de suas memórias e das narrativas sobre a História de vida, das formas como atuam e sua representação social no contexto vivencial em que se situam.

O objetivo geral desse artigo é discutir sobre a escrita feminina no campo literário por meio da interface com a História e a memória a partir de duas obras de Maria Valéria Rezende: *O voo da guará vermelha* e *Vasto mundo Vasto mundo* e da obra *O quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus.

Desse modo, refletiremos sobre a relação entre História e Literatura a partir da escrita literária feminina e a importância desta para os estudos históricos. Logo, percebendo como Maria Valéria Rezende e Carolina Maria de Jesus, através de suas obras se colocam diante das questões e abordagens em torno do espaço societário e como essas permitem construir uma reflexão histórica sobre memória.

Este estudo, portanto, faz parte de duas pesquisas ao longo da iniciação científica (CNPq). As pesquisas, “redes de saberes que tecem narrativas sobre as mulheres: autobiografia, memória e História de vida” (CNPq 2017-2018), e “redes de saberes que tecem narrativas sobre mulheres escritoras, cordelistas e ativistas políticas: autobiografia, memória e História de vida” (2018 - 2019), orientada pela prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão.

A Literatura foi pouco presente no meu processo educacional, e esses projetos foram o ponto de partida para pensar, pesquisar e escrever, observando a escrita dessas autoras. No período escolar na rede pública, conheci a escritora Maria Valéria Rezende, no qual me despertou o desejo pela leitura. Esse contato me fez querer dialogar com suas obras e posteriormente com o acesso à faculdade, escrever sobre, buscando trazer a sua importância.

Carolina Maria de Jesus representa um divisor de águas em minha formação. Ela me fez pensar a quão poderosa é a escrita e o quão difícil é o lugar social que essa pode ser inserida. Ambas as escritoras nos ensinam sobre o poder da educação por meio de suas memórias, e demonstram a partir da Literatura e da autobiografia como a educação e a escrevivência literária pode ressignificar a educação.

Portanto, este escrito nasce das inquietações das leituras a respeito da escrita feminina e a relação entre História e Literatura. A pesquisa em sua minuciosidade apresenta um olhar mais sensível sobre o documento literário, compreendendo que o discurso nela contido, exprime sentimentos materializados em sentidos e formas, capazes de aproximar estes signos/discursos ao objeto historiográfico.

O vínculo entre os dois campos do saber tornou-se, nas últimas décadas, um reduto de pesquisa e produção científica pelos historiadores contemporâneos. Considerada como fonte,

a Literatura emerge universos, dotados de elementos e características, apresentando particularidades que revelam lugares de memória. As inovações epistemológicas e metodológicas nascem na metade do Século XX, para possibilitar a historização da obra enquanto fonte e apontamento histórico.

A relação entre a História, Literatura e memória, tem por base a estrutura narrativa, a elas cabe impedir o esquecimento. Entretanto, embora exista a necessidade real de narrar, falar sobre acontecimentos, o compromisso entre a História e a Literatura não se tem da mesma forma. A História por sua vez detém o compromisso com o factual. A Literatura e a memória podem apropriar-se de uma fonte ou de uma experiência real, mas ela recria cenários cujo processo não estabelece um comprometimento com o factual, e sim com o ficcional.

A escolha pelas escritoras Maria Valéria Rezende e Carolina Maria de Jesus é justificada pela História de vida, por seus acréscimos no literato brasileiro e por sua contribuição no processo educacional. Ambas as escritas são um resgate das memórias por elas vividas, resistindo ao silêncio e à invisibilidade ao cânone hegemônico e masculino.

As obras escolhidas para essa análise são: Quarto de despejo (1963), O voo da guará vermelha (2001) e Vasto mundo Vasto mundo (2015). Nessa perspectiva, apontarei a relação entre essa tríade de modo que a escrita feminina seja enfatizada por seus aspectos como lugar social, identidade e o lugar do feminino na escrita.

Trata-se de um artigo de reflexão utilizando uma abordagem metodológica centrada na pesquisa bibliográfica e documental. Nesse sentido:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66).

Portanto, é a principal ferramenta no levantamento das fontes e no auxílio da contextualização e da construção da própria temática de modo que, “o pesquisador busca analisá-los para responder seu problema do objeto de estudar ou comprovar suas hipóteses, adquirindo novos conhecimentos sobre o assunto pesquisado” (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 81).

A pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica são sinônimas: quando uma pesquisa se utiliza de fontes documentais e “tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos” (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2021, p. 5).

Nesse sentido, a fonte material e imaterial bem como periódicos publicados em websites, tornou-se base para elencar essa breve discussão. Desta forma:

Ressalta-se que a análise de conteúdo é uma dentre as diferentes formas de interpretar o conteúdo de um texto, adotando normas sistemáticas de extrair significados temáticos ou os significantes lexicais, por meio dos elementos mais simples do texto (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2021, p.11).

O campo teórico que este estudo se situa é dos estudos históricos que evidenciam o debate de gênero a partir da ação dialógica com a literatura. Para isso, desenvolvemos este estudo a partir dos trabalhos e abordagens de Chartier (1990), Halbwachs (1990); Nora (1993); Scott (1992); Certeau (2010); dentre outros autores.

Carolina Maria de Jesus, em uma perspectiva autobiográfica em Quarto de Despejo (1963), enfatiza o cotidiano de sua vida em seu diário. Ela reflete sobre a realidade urbana na

periferia de Canindé, São Paulo, durante os anos de 1955 a 1960. A representação do feminino é construída sob a sua realidade, marcada por uma conturbada História privada, de origem pobre e negra, cuja formação escolar não ultrapassa o segundo ano da educação primária.

Rezende dedicou-se desde jovem à educação popular. Graduada em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Nancy e em Pedagogia pela PUC-SP. Fez mestrado em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, reside na Paraíba, capital João Pessoa.

Portanto, pensar essas duas escritoras sob o viés da escrita, da memória, e da abordagem poética em sua escrevivência, nos torna capaz de dialogar e (re) construir possibilidades de aprendizagem à medida que esses símbolos se tornam representativos e vivos em sua própria realidade.

Este estudo busca, portanto, contribuir com a discussão sobre Literatura História, enfatizando a escrita feminina e o gênero presente nessas representações. Onde, a partir dessas leituras, irei discorrer sobre a representatividade da dimensão histórico-social dessas obras por meio da História cultural e as relações de gênero. Logo, o lugar de produção dessas memórias, tornar-se-á possibilidades de construir novos horizontes, permitindo com que esse trabalho interdisciplinar seja uma ferramenta de ensino e aprendizagem no ambiente acadêmico, escolar e social, por meio das memórias contidas nas obras aqui mencionadas.

Este artigo está organizado em duas seções. 1. História e literatura: uma breve análise sobre a relação, representação e escrita de si; 2. Escrita feminina na literatura: entre o gênero e a memória, os lugares de Maria Valéria Rezende e Carolina Maria de Jesus. Na primeira seção abordamos sobre a aproximação da Literatura com o discurso presente na memória e escrita. Enfatizando, a Literatura como uma produção de memória e representação de um lugar de memória. Por fim, a segunda seção, iremos apontar a importância social, cultural, e histórica da Literatura com ênfase em gênero.

2 HISTÓRIA E LITERATURA: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E ESCRITA DE SI

Nesta seção abordaremos a aproximação do campo da História e da Literatura como um diálogo possível. Desta forma, faremos uma breve discussão sobre essa possibilidade em torno da narrativa como uma reconstrução da realidade de quem a escreve.

Deste modo, a Literatura torna-se ferramenta útil para narrar memórias que antecedem o que chamamos de fonte. Enquanto que a História, por sua vez, detém a responsabilidade com as narrativas que produzem verdade acerca do passado. Segundo Pesavento (2006):

A Literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006, s/p.).

Logo, a narrativa literária é um modelo de construção do real, sendo ela também uma fonte indispensável para pensarmos a História e os seus desdobramentos. Com isso, na década de 90, o campo de estudo e pesquisa História e Literatura, desenvolve corpo e forma devido à abundância das novas abordagens por meio do surgimento de novos territórios ou objetos historiográficos que ampliam a produção intelectual.

A partir disto, novos processos de aproximação e distanciamento, serão reflexos epistemológicos nos diferentes modos de descrever o mundo em detrimento de sua realidade.

Com isso, as representações em ambos os campos de estudo, são forjados por discursos que buscam caracterizar as experiências, implicando em projeções no imaginário (passado e futuro), a fim de justificar uma visão de mundo, repleto de intencionalidade, tornando as identidades e as memórias vivas na História.

Para Nora (1993, p. 9) a memória “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto”. A História tem suas necessidades, uma delas é a memória, pois sem a memória, a construção do real torna-se hipotético. O termo “História” nos proporciona pensar e entender os fatos em decorrência dos seus processos, a partir de investigações por meio das fontes, sendo elas: escrita e oral. Com isso, a memória torna-se um depósito de informações, um dispositivo psíquico de impressões e experiências passadas, arquivadas por vivências coletivas.

Halbwachs (1990), sociólogo francês, descreve com propriedade em sua obra dois tipos de organização da memória, sendo ela no primeiro momento individual e posteriormente, coletivo. Em sua obra: *A memória coletiva* (1990), ele define que a memória individual é aquela não compartilhada, pertencente apenas para o sujeito. O segundo ocorre quando há compartilhamento entre grupos, sendo ela pertencente à memória primária, a individual. Segundo ele:

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS. 1990, p. 53-54).

O campo de pesquisa que permite o diálogo entre Literatura e História, tem buscado desmistificar a ideia de que a Literatura é apenas um gênero ficcional. Ao fazermos menções de conceitos como representatividade e memória, trazemos à notoriedade a importância da memória autobiográfica, como também da memória histórica para os estudos literários, possibilitando novos arranjos a partir do real para uma escrita ficcional. Entretanto, a escrita autobiografia é unicamente pertencente ao caráter pessoal e memorialístico, ela não pertence ao conceito de ficcionalidade.

É importante elucidar que o campo da História da Literatura surge como campos disciplinares, categorias constituídas, como um saber pautado sobre regras e retórica. Logo, essa condição será aperfeiçoada quando ambas se detêm em pensar o homem como um objeto de conhecimento. Embora, a escritora torne a sua escrita a sua crítica social. Essa relação entre o sujeito e o objeto é fabricada entre as relações sociais, sejam elas por meio da linguagem, da memória, ou propriamente pelos seus símbolos.

Pensar tais conceitos como representação, memória, fabricação, poder, dentre outros, possibilita-me neste este artigo, trazer novos olhares para a escrita na Literatura feminina, possibilitando uma reflexão acerca da possibilidade da relação entre essas duas áreas do saber, a História e a Literatura. Com isso, a memória e a literatura, torna-se uma fonte quando historicizada. A fonte passa a delimitar um tempo, um lugar, um objeto. Esses, “são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos” (CHALHOU; PEREIRA, 1998, p. 9).

As obras literárias em sua produção de discurso mantêm uma relação com a memória e consequentemente com a História, e embora a Literatura não tenha um compromisso com o fato histórico, a sua escrita imagética não elimina o lugar social de quem a escreve, como também a sua dose de verdades. Por isso, Hyden White (1994) defende essa construção do discurso histórico como uma “metáfora”, sendo ela o resultado de uma produção da própria linguagem, assim:

O discurso histórico produz são interpretações de seja qual for a informação ou o conhecimento do passado de que o historiador dispõe. Essas interpretações podem

assumir numerosas formas, estendendo-se da simples crônica ou lista de fatos até “filosofias da História” altamente abstratas, mas o que todas elas têm em comum é seu tratamento de um modo narrativo de representação como fundamental para que se perceba seus referentes como fenômenos distintivamente “históricos” (WHITE, 1994, p. 24).

Essa produção de discurso não provém da subjetividade ou estreitamente da imaginação. A produção desse discurso é construída dentro de processos nos quais se insere aos aspectos sociais e as experiências coletivas, tornando a realidade uma possibilidade do real. Com isso, o discurso literário constituirá a produção da linguagem e da subjetividade que antecederam a verdade. A Literatura e a História tornam-se um diálogo possível uma vez que, ao mesmo tempo em que a Literatura transforma, o leitor é transformado. Propusemos investigar e dialogar com as fontes documentais com o intuito de apresentar e dar outros sentidos a essas escritoras aqui mencionadas.

A Literatura desempenha um importante papel cultural, social, histórico e educacional, o que possibilita o diálogo com diferentes campos do conhecimento. Acreditamos que a Literatura, em conexão com as discussões de gênero, memória, autobiografia e educação, pode trabalhar inúmeras questões do social que possam ser discutidas através da Literatura e de documentários. Com isso, ela apresenta inúmeras possibilidades de empreender novos olhares por meio dos contextos históricos e sociais presentes nas narrativas da Literatura e nas memórias, notabilizando o campo feminino, seus saberes e a memória contidos na trajetória de vida.

As representações desses escritos, bem como apontar e localizar os principais pontos que justificam os enfrentamentos na cultura. É preciso evidenciar não só os agentes históricos, mas a sua contribuição para construir uma visão de mundo. Chartier afirma:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso está investigação sobre as representações supõe nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. (CHARTIER, 1990, p.17).

Ao elaborar esse pensamento, Chartier chama atenção para a relação entre o sujeito e o lugar, como uma relação de poder e subserviência entre grupos, estruturas interligadas as relações sociais e objeto simbólico.

De fato, os modelos de representações são parte de sua identidade social. É nesse sentido que novos símbolos serão criados, relações de forças especificamente, uma relação histórica de dominação e resistência. Essa resistência é proveniente das relações sociais, tornando as memórias individuais e coletivas importantíssimas para entender esses contrapontos. Desse modo, torna-se importante “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

A História cultural tem um papel importante em demonstrar que toda narrativa é sempre embasada por meio de construtos que produzem discursos históricos. Para Chartier (1990), essas narrativas tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e

momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler. Nesse sentido, Peter Burke, afirma:

A tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir é a de tratar as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de um tempo. [...] os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação (BURKE, 2005, p. 32-33).

Com isso, podemos perceber que a abrangência sobre a linguagem, representações e práticas culturais, se estende dentro de uma relação entre o coletivo e a relação do sujeito com o mundo. Dessa forma, o sentido de representa-se poderá ser diversificado como individual ou coletivo, incluindo as “práticas discursivas”.

A Literatura como produção de saberes, assume o caráter de imaginação, sendo ela embasada nas experiências vividas, bem como uma área exclusivamente da memória. Com isso, podemos notar os símbolos atrelados às imagens do passado, como também as suas memórias, bem como:

Vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 10).

As memórias coletivas tornam-se o ponto de partida para a formação e desenvolvimento do discurso para fomentar uma linguagem, um sentido, um símbolo social, o que torna o fazer História uma possibilidade.

A partir disso, pensar o campo da subjetividade como um objeto presente nos relatos autobiográficos e ficcionais, nos faz enxergar as memórias com suas verdades dentro das mais diversas subjetividades que perpassam as memórias do passado e do presente. Assim, como afirma Sandra Pesavento:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a Literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção (PESAVENTO, 2004, P.98).

Portanto, o saber literário é fundamental para que a Literatura seja considerada uma fonte. Nela, podemos compreender o lugar social de quem a escreve, sua identidade social, trazendo um reflexo da realidade, dentre as representações históricas forjadas na invenção da escrita acerca do imaginário em torno do construto sócio coletivo.

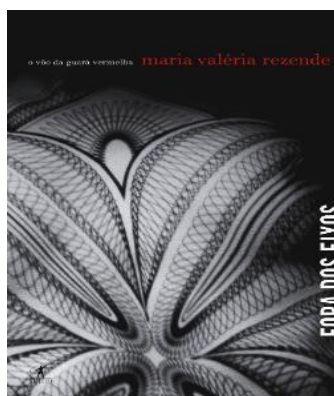
3 ESCRITA FEMININA NA LITERATURA: ENTRE O GÊNERO E A MEMÓRIA, OS LUGARES DE MARIA VALERIA REZENDE E CAROLINA MARIA DE JESUS

Nesta sessão, abordo a importância social, cultura e histórica da Literatura com ênfase no gênero. Com base nesse pressuposto, chamo atenção para o debate sobre a mulher na Literatura, enfatizando seus aspectos. As obras analisadas de Rezende e Carolina de Jesus detêm visões acerca do lugar de espaço e vida da mulher.

A Literatura desempenha um importante papel cultural, social, histórico e educacional, possibilitando o diálogo com diferentes campos do conhecimento. Visto deste modo, acreditamos que a Literatura consiste num espaço de reflexão, no campo ficcional, das questões que fazem parte das vivências humanas e suas experiências. O literato brasileiro enfatiza a esfera cultural do país como uma forma de trazer a reflexão para essas questões. A História ganha corpo e volume à medida que ela é caracterizada e personificada nas palavras e nos contos (SILVA; ARAGÃO, 2017, p. 3).

Esses espaços estão ligados às condições de poder no qual a mulher é situada nas relações sociais. Na obra de Carolina, a sua condição é a própria narrativa. Nas obras de Rezende, a mulher é retratada, criada, dentro de condições que trazem reflexões em torno da política, do corpo, e da sociedade.

Figura 1 – Obra: O voo da guara vermelha



Fonte: <https://lelivros.love/>

As metáforas usadas revelam-nos a condição da mulher na personagem de Irene. Condições essas que nos remete à evidência que a personagem se prostitui na necessidade de sobreviver em uma situação de miséria, onde:

No começo acontecia, quando ela ainda não sabia avaliar um freguês, quase tudo ignorava quando se meteu na vida, desconhecia estranhezas e bizarrices sem fim que puta feita conhece, à custa de dor aprende, como um dia ela aprendeu, que cada vez que apanhava, em pouco tempo apumava, sem mais sinal de pancada no corpo forte e saudável, sem sinal esperta pra reconhecer perigo (REZENDE, 2005, p.179).

A condição que a personagem se insere traz na cor vermelha o simbolismo em volta da cor, em que na obra, o simbolismo do vermelho denota todo o processo de vida à qual Irene foi submetida, que envolve vida, paixão e morte.

A escritora Carolina de Jesus mostra-nos uma escrita dos processos passados em vida, não como um conto literário, mas como um relato de memória, e transforma suas memórias em literatura das vozes subalternas, mediante à escrita, o que passa a ser seu diário da fome, dos tormentos, do abandono social, dos preconceitos, dos abusos e da miséria a que estava condicionada a viver.

Figura 2 – Obra: Quarto de Despejo



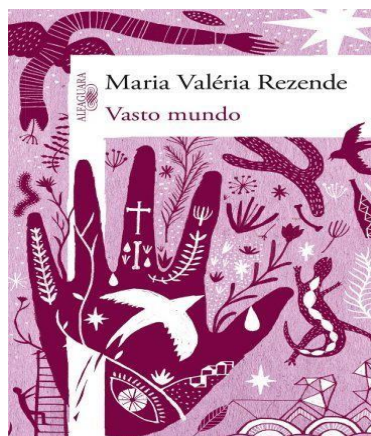
Fonte: <https://www.coletivoleitor.com.br>

A representatividade da mulher pobre, negra e favelada, marca também o processo de sexualidade do corpo na obra, principalmente nos jovens da periferia como a autora descreve:

Todas as crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois começam os comentários entre as crianças (...). Tudo o que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez (JESUS, 1963b, p. 40-41).

A dimensão da realidade sobre as questões de gênero nos faz pensar e questionar sobre a visão da mulher e sua/suas relação/relações com a historiografia. Sabe-se que as escritoras aqui mencionadas fazem da Literatura uma crítica social por meio de suas memórias.

Figura 3 – – Obra: Vasto mundo



Fonte <https://lelivros.love/>

A narrativa de Rezende em *Vasto mundo* é real, é memória e também ficção. Em seu primeiro capítulo “A voz do chão”, ela se revela ao leitor. Ela diz:

Eu os conheço a todos. Reconheço-os pelas pisadas e por elas sei de seus humores, de seus sentimentos, de suas urgências, preguiças, de seu contentamento ou aflição. Sei de sua grandeza e mesquinhez. (...) foi seu tropel incessante que me despertou do meu sono de pedra. Só eu os conheço a todos porque só eu estou sempre neles como eles estão em mim. Eles me criaram e agora eu os crio (REZENDE, 2015, s/p).

As escritas em ambas as obras se tornam uma espécie de recusa ao seu lugar social, à condição que por vezes é dada ao lugar do feminino na sociedade, sendo ela marginalizada,

romantizada e por vezes, esquecida. Carolina é uma personagem histórica que ressignificou o lugar social da mulher preta na sociedade intelectual. A sua escrita é, sobretudo, uma forma de dar-se conta de sua própria existência, ressignificando seu cotidiano de catadora de papel como um evento extraordinário através da escrita.

As memórias descritas por Rezende e Carolina permite-nos sentir as representações por elas vividas. As memórias se entrelaçam sob o a realidade inserida na autobiografia e o ficcional na Literatura. Ambas, constituídas em experiências coletivas no qual residiram os lugares de memória. Esses espaços configurados nas memórias coletivas, evidência os reflexos que ambas causam na vida do (s) sujeito (s) que posteriormente ganham forma na escrita e no imaginário.

O diário de Carolina em Quarto de despejo (1963) remete a uma estrutura temporal. Não se prende a uma condição de sucessão de dias. Sua escrita é condicionada sob uma existência que encerra passado, presente e futuro. Pensar a produtividade das memórias no campo da Literatura significa autenticar as experiências, qualificando o imaginário e o real como um vasto território da memória.

Em outras palavras, não atrelar a imagem do passado fielmente e exclusivamente a História, mas notar como essas memórias são tecidas no tempo com:

Vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 10).

As memórias contidas na obra literária são resquícios de experiências presenciadas. Em Vasto mundo, Rezende (2015) escreve sobre o que vê. Logo, podemos analisar estas experiências como um lugar de memória. A ficção torna-se um reflexo do real, um lugar de memória que embora seja artificial, encorpada por um discurso livre, a memória é constituída por uma liberdade fictícia que não assegura uma realidade sobre os seus referentes.

Para tanto, tais escritoras defendem o lugar de memória como um local repleto por símbolos. Por isso, os vestígios tornam-se prioridade, algo que deve ser conservado em sua plenitude para não cair no esquecimento. Tornando suficiente a fim de abdicar um referente passado.

Diferentemente de todos os objetos da História, o lugar de memória não tem referentes na realidade.... Não que não tenham conteúdo, presença física ou História, ao contrário. Mas o que os fazem lugares de memória é aquilo pelo que exatamente escapam da História.... Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos... Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 6-28).

O diário de Carolina remete a uma estrutura temporal. Sua escrita é condicionada a uma existência que encerra passado, presente e futuro. Carolina faz uma releitura do seu presente, fazendo uma crítica existencial ao presente/futuro.

A dimensão da realidade vivida por ela é designada como precária. Ela descreve como: “sucursal do inferno ou o próprio inferno” (JESUS, 1963, p. 145). A escrita de Carolina é permeada por metáforas e simbolismos. Nesse sentido, o seu lugar social passa por uma espécie de diabolização. Michel de Certeau (2010) enfatiza que a produção do discurso busca deter uma forma verídica de um discurso histórico atrelado a verdade, na forma de uma narração.

Carolina em sua escrita, evidência parte de sua realidade, seus primeiros rascunhos denunciam o seu lugar social, conforme Gonçalves,

Em 1955 inicia a escrita do que designa seu estranho diário, onde relata as agruras de seu dia a dia, suas reflexões sobre seu sofrimento, sua fome, sua ira contra os políticos, sua obsessão em transformar sua vida através da escrita, o desejo de escrever um livro e tornar-se escritora. Sua escrita é cotidiana, segue o ritmo dos dias que coincide com a própria construção e elaboração de uma História de seu sofrimento no cenário da favela (GONÇALVES, 2014, p. 24).

Carolina em sua escrita transpassa que o ato de escrever não é uma escolha, mas destino. Uma mulher negra, semianalfabeta, escrevia para expressar a sua realidade, para personificar suas causas, trazendo inúmeras vezes a fome, a favela, o sofrimento, como um personagem.

Para Maurice Halbwachs (1990, p. 73) “a memória se constrói a partir das vivências de grupos sociais concretos”. As nossas memórias são experiências pessoais e coletivas transformadas pelo o tempo vivido, interferindo tanto no pensamento, quanto na escrita, pois a maneira de escrever o passado e o presente são construções vulneráveis. Nesse sentido, o seu diário se constituía como uma espécie de trinômio, sendo ela: mulher, preta e pobre. É um modo consciente de autenticar suas causas, as suas origens, os seus desejos, as suas agruras, imortalizada sob uma condição de catadora de papel e ao mesmo tempo uma escritora sonhadora, sonhando com o reconhecimento profissional e a fuga da miséria.

As memórias descritas por Rezende são também memórias por ela outrora vividas. O tempo e a linguagem são ambíguos, e os acontecimentos locais nos remetem a críticas sociais e políticas, revelando aos modos de vida dos sujeitos articuladas as narrativas que constituem um povo. Dar-se necessário pensar, que essas memórias são deslocadas de experiências coletivas, de discursos históricos.

Daí ser necessário relacionar os discursos proferidos com a posição social de quem os produz e de quem os utiliza, visto que as percepções do social não são neutras; produzem e revelam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma hierarquia, um projeto, uma escolha (CHARTIER, 1990, p. 16-7, 28).

Para mergulhar no universo feminino contido nas obras e compreender essas discussões sob o ponto de vista historiográfico, recorreremos aos estudos de Scott (1992), cuja escrita apresenta uma forma de elucidar essas questões por meio da História das mulheres como um campo que envolve essa dialética. Segundo Scott (1992, p. 14), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Para Scott (1990), entender o gênero significa descategorizar e dar sentido aos diferentes significados no comportamento. Com isso, todos esses processos e questões passam a ser um campo de análise da História. Assim, conforme expressa Del Priore:

[...] a solução foi mudar a abordagem. Tornava urgente abraçar o campo histórico como um todo, sem restringi-lo ao território do feminino. Era preciso interrogar as fontes documentais sobre as mulheres de outra maneira. Doravante, a divisão sexual dos papéis é que seria sublinhada (DEL PRIORE, 1998, p. 224).

Del Priore (2006), em História do amor no Brasil, traz um grande embate sobre as questões ligadas à mulher e às condições sociais a que o gênero é exposto, desde o Século XVI até o Século XX, com os avanços e as noções de progresso. A autora mostra as mudanças e os avanços acerca da escrita histórica feminina, que desqualificava e afastava essas personagens das produções historiográficas. Sobre esse aspecto, Del Priore (2006, p. 409 - 410) assim se expressa: “Ao abordar sobre o lugar das escritoras brasileiras, nos chamam atenção algumas das quais passaram por inúmeras experiências de luta em relação à divulgação de sua escrita”.

Essa escrita se detinha na visão do “Homem universal”. Entretanto, a partir da luta do movimento feminista, cujas pesquisas iniciais eram sobre as Histórias das mulheres, a representação desse “homem universal” foi substituída pelos novos olhares sobre o estudo de gênero. Nesse sentido, as relações de força aconteciam nas esferas sociais, com o fim de redefinir alguns conceitos que transformavam o poder em uma ferramenta de subordinação.

Os pensamentos sobre gênero feminino de Scott (1992) e Del Priore (1998) se entrelaçam quando elas, em suas abordagens, mostram, no contexto social, a trajetória da luta das mulheres, tanto numa perspectiva histórica quanto cultural. Del Priore (1998) estuda os fatos ocorridos no Brasil, desde o período colonial até o Século XX, e fala das causas e dos efeitos das discussões de gênero ao longo da História. Scott (1992) traz uma discussão mais sistematizada no campo das ciências humanas e sociais, como a Política, a Antropologia, a Psicologia; a Biologia, o Direito, entre tantos outros ramos, e dirige novos olhares sobre o conceito e a inserção da mulher na historiografia.

As bases da historiografia das mulheres e os avanços das pesquisas sobre gênero também são referentes aos estudos de memória e identidade. Pierre Nora (1993) e Maurice Halbwachs (2004) foram importantes para a produção desta pesquisa, em que analisamos, a partir de seus conceitos, as memórias presentes nos escritos de Carolina de Jesus e Maria Valéria Rezende.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004) conduz suas discussões ao campo da memória. Sua obra mais famosa foi *A memória coletiva* (HALBWACHS, 2004). No entanto, Pierre Nora (1993) com suas concepções sobre memória, auxiliou-nos a construir este artigo no que se refere aos estudos da memória. Pensando nas obras analisadas para a produção deste documento, buscamos em Halbwachs (2004) e Nora (1993) apoio para explicar as memórias contidas nos livros investigados.

Em sua obra, *Entre memória e História – a problemática dos lugares*, Nora (1993) traz uma abordagem sobre esquecimentos e lembranças, em que os indivíduos buscavam na História identificações e afirmações com o intuito de perpetuar suas experiências com o lugar. Ele assevera que “os lugares de memória” são, antes de tudo, restos.

A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa História que a chama, porque ela a ignora (NORA, 1993, p. 12). Ele escreve sobre memória e História e afirma que ambas produzem efeitos e significados diferentes. A memória é tradição, é capaz de ser transportada como herança cultural e de dar sentido e forma ao (s) sujeito (s) que a (s) tem/têm.

Ela é ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e dos mitos (NORA, 1993, p. 8).

A História é opositor que, por meio da narrativa, fragmenta, une e seleciona os momentos e é responsável por criar identidades que carregam memórias específicas. Portanto, podemos enfatizar que todas as lembranças que existem são História, “tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da História. A necessidade de memória é uma necessidade da História” (NORA, 1993, p. 14).

Para Nora (1993), as memórias trazem as heranças narrativas ou as experiências vividas e os lugares ou os espaços forjados por ela determinam e criam sistemas híbridos que transformam e dão sentido às memórias do inconsciente e do consciente, tornando-as objeto. A memória possibilita que cada ser humano possa relembrar e reencontrar em suas lembranças aspectos de um tempo vivido. Sendo assim, a memória passa a ser uma estrutura, que a autora classifica como categoria de “lugares de memória”.

A categoria “lugares de memória” nos possibilita fazer a interface com diferentes temas, entre eles, gênero, etnia e territorialidades, como as que compõem as obras estudadas. Ela conceitua os lugares de memória com um misto de experiências, de histórias e de momentos híbridos, que levam o sujeito a fazer conexões e a ressignificar memórias passadas.

Nora refere que "os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais" (NORA, 1993, p. 13), pois “o passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre” (p. 19). Portanto, o lugar de memória é:

[...] antes de tudo, restos. [...] os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993: 12-13).

Nora (1993) trabalha a memória individual, em grande parte, por acreditar que alguns grupos sociais elevam a ideia de pertencimento do seu lugar social. Entretanto, Halbwachs (2004) defende a ideia de que a memória coletiva é uma construção identitária e social e que:

[...] não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e viceversa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2004, p. 39).

Assim, essa é a condição por meio da qual a memória poderá ser reativada e as lembranças passam a ser reconstituídas. As memórias coletivas só podem ser evocadas mediante algum acontecimento, para que consiga alcançar determinado grupo. Ele entende que a memória é um movimento contínuo e retém aquilo que ainda está vivo na consciência do grupo, e a História é uma ponte entre o passado e o presente, que tenta restabelecer a continuidade interrompida em algum ponto. Logo, não há História no presente, pois só é possível recriar correntes de pensamento coletivo que tomem impulso no passado.

Halbwachs (2004) aponta que as experiências/vivências em grupo criam representações das memórias do passado, quando os indivíduos passam a habitar no mesmo espaço, o que nos aproxima da memória histórica. A lembrança, para esse autor, é uma imagem sobre outras imagens. A reconstrução do passado com os dados do presente é acometida pelas lembranças, afirma, e as lembranças são capazes de se reconstruir e criar cenários que possam resgatar as memórias do inconsciente. Ele acredita que as lembranças podem ser confundidas em alguns pontos em comum com outras pessoas dadas por outros grupos sociais. Por outro lado, na visão desse sociólogo, a memória não é fútil e não há memória que seja somente “imaginação pura e simples”.

Todo o processo que configura a construção de memória passa pelo sujeito que é o grande referencial. A memória individual tem como base as memórias históricas. O viver em grupo, desde os primeiros dias na sociedade, estaria na base estrutural do pensamento e dos conceitos sobre memória autobiográfica e pessoal.

Halbwachs (2004) refere que a função da memória é de promover ligações entre os grupos e seus membros com base em seu passado e nas memórias coletivas, a partir das instituições sociais, como o parentesco, a comunidade, a religião, a organização política e a

classe social. Em suas pesquisas, Halbwachs (2004) considerou que a memória coletiva é o lugar de apoio na construção da identidade dos grupos sociais. Segundo o autor, é na sociedade em que, geralmente, as pessoas adquirem suas memórias e as recordam, reconhecem e localizam.

As memórias das obras aqui mencionadas estão interligadas. As questões de gênero ultrapassam o campo literário. Carolina e Rezende escrevem sobre suas vidas em suas obras, história que chamamos de autobiografia.

É de suma importância discutir sobre como essas narrativas foram construídas com base na ideia de memória e de gênero na escrita feminina. Na literatura, as mulheres são sempre encaradas com estigmas. Nas obras que analisamos, elas aparecem como pobres, decadentes, desprovidas de conhecimento e de oportunidades. A Literatura combate, nas entrelinhas, o lugar e o papel social da mulher.

Os gêneros feminino e masculino são distintos em suas posições, uma vez que o homem é sempre o protagonista, o cabeça, o que produz e é responsável por grandes história e invenções. Segundo Lobo (1997):

[...] o termo ‘feminino’ vem sendo associado a um ponto de vista e a uma temática retrógrados, o termo ‘feminista’, de cunho político mais amplo, em geral é visto de forma reducionista, só no plano das ciências sociais. Entretanto, deveria ser aplicado a uma perspectiva de mudança no campo da literatura. A acepção de Literatura ‘feminista’ vem carregada de conotações, sendo, em geral, associada à luta pelo trabalho, pelo direito de agremiação, às conquistas de uma legislação igualitária ao homem no que diz respeito a direitos e deveres (LOBO, 1997, p.65).

Precisamos realmente discutir sobre a violência aplicada à subjetividade feminina numa sociedade de arranjos patriarcais. Portanto, um olhar a partir da margem é urgente. E o que seria essa margem? Nas relações de gênero, assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal. Porém, além de observar a margem, é necessário provocar um estranhamento às práticas naturalizadas, reescrever “a” História da Literatura e perceber que há sempre uma perspectiva diferente da que hoje existe e que já está tão desgastada.

A pluralidade que o olhar da margem traz possibilita a inclusão e a legitimação de escritores e escritoras que foram esquecidos ao longo da História (ZINANI e POLESSO, 2010, p. 100-101). É impossível negar que os discursos das mulheres, na literatura, não sejam marginalizados. Isso acarreta a exclusão e o silenciamento de alguns grupos, e quando se criam espaços alternativos, tendem a produzir um contradiscurso, cujo potencial subversivo não é desprezível e merece ser explorado.

Ao pensar em “identidade feminina” ou “linguagem feminina”, como base teórica na sociedade, é preciso analisar as condições particulares de todos os pontos e eixos problemáticos na historiografia por meio dos quais foram estruturadas. No âmbito feminino, a tarefa fundamental para os sistemas de interpretação era voltada para a identidade e o sujeito, no que diz respeito às posições que ele poderia estar ocupando. Esses tipos de ambiguidade se concentram nas perspectivas da escrita feminina, na identidade e na memória, que terminam por estabelecer o conceito de gênero como categoria analítica.

A formação da categoria “mulher (es)”, possuem diversas vertentes sociais, desde o campo da literatura, da religião e do senso comum, estendendo-se além das orientações ideológicas, sejam de cunho conservador ou não. A construção identitária baseia-se em construtos biológicos, categorizando-a como categoria natural e universal. Essa construção vale salientar que se encontra nos discursos social e acadêmico. Com isso, todo discurso, traz consigo elementos que representam a sociedade e o lugar de fala do sujeito. Segundo Ricoeur (1987), a função geral de mediar a integração social e a coesão do grupo.

A exclusão histórica da autoria feminina no campo institucional da Literatura é o resultado de práticas políticas no campo do saber que privilegiaram a enunciação do sujeito dominante da cultura, o sujeito declinado no masculino.

A produção de autoria de mulheres sempre colocou os críticos do passado na defensiva, por várias razões, e dentre elas, o puro preconceito de uma sociedade atrelada a valores patriarcais

A escrita no viés feminino nas obras mencionadas é enraizada de símbolos e linguagens. Logo, o discurso torna o sujeito um agente transformador mesmo inconsciente dos aspectos ideológicos. Conforme Zilberman (2004), referindo-se à Literatura, diz que cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares.

Portanto, ao pensar a escrita feminina, devemos compreender que a memória que emerge o discurso é proveniente de relações coletivas. A cultura ao longo da História rompe com o que seriam categorias para o objeto narrador. Sendo assim, o lugar de fala passa a ser fluído, rompendo com estruturas convencionais pelas quais delimitavam o lugar de escrita e fala dessas autoras.

Diante do que foi estudado, percebemos que o campo gênero, Literatura e História, tem se aproximado cada vez mais como uma ferramenta útil para compreendermos os processos de escrita, memória e as relações de gênero ao longo da história das mulheres. Este material traz para a sociedade acadêmica e para o espaço cultural novas interpretações a respeito dessa relação que envolve o campo real e o ficcional, bem como as suas continuidades e descontinuidade no processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher a Literatura como fonte eu tomei cuidado para investigar e analisar os contos. Entendendo as diversas categorias de fontes, a Literatura é também um manifesto da voz do autor, uma expressão das suas experiências e memórias, tendo como base o imaginário para constituir as narrativas em torno da percepção, da realidade. Logo, ela foi fundamental para observar e trazer a discussão os modos como essas memórias são conceituadas por meio dos referenciais teóricos aqui já mencionados.

O fundamento teórico nos revelou o pensar às diversas faces que instituem o campo da memória e da Literatura tendo como foco a escrita feminina. Independente da classificação/gênero, a Literatura apresenta uma característica do real, inclusa também no cenário imagético, o que torna a poética uma concretização do fato histórico. Ou seja, uma reestruturação de uma categoria de fonte embasada nas

É importante pensar a relação entre Literatura e História. Embora exista uma grande aproximação/estreitamento, o compromisso entre ambas se diverge em muitos sentidos, pois o compromisso da História é exclusivamente com os fatos históricos. Todavia, não é responsabilidade do historiador inventar ou criar cenários de possíveis acontecimentos. Logo, a Literatura fará uso destas situações, fazendo uso do imagético, da memória, e do real, buscando atingir um tempo, uma História, um público.

Acreditamos que as obras aqui mencionadas têm um potencial metodológico importantíssimo para aplicar na educação, seja na escola ou na academia. Essas autoras nos permitem sentir o campo da Literatura de uma forma singular, onde a escrita é carregada de uma sensibilidade incrível. Embora a obra ocorra sobre uma condição micro e macrosociológica, é fundamental e reafirmar a importância das memórias, onde os rascunhos ganham vida e forma nas páginas amarelas dos romances literários.

A pesquisa representa a concretização de um trabalho em processo ao longo da graduação. A escolha das autoras me proporcionou observar e aprender sobre o processo de

escrita e de lugares do feminino. Em suma, essas obras apontam para questões do nosso cotidiano, onde o lugar de fala da mulher é silenciado, estigmatizado e adulterado por personagens/falas masculinas. Essas questões são fortemente presentes na obra de Carolina, em *Quarto de Despejo*.

A obra de Rezende em suas particularidades apresenta que a pobreza no país é acarretada principalmente pela falta de educação, de um ensino decente, em que a Literatura contribui na humanização do sujeito, fazendo-o vencer barreiras sociais, construir novas identidades capazes de lutar contra a ideologia dominante e conquistar um espaço no mundo seja pela consciência crítica que a Literatura é capaz de promover.

Por fim, esse estudo busca apresentar uma breve discussão para que novas formas de leituras a partir dessas obras possam ser abordadas mediante essa pesquisa. Defendemos que a Literatura e a História são diálogos possíveis. Logo, a Literatura é uma ferramenta transformadora na sociedade e nela podemos fazer novas leituras e traçar novos horizontes por meio das memórias que os fecundam.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: As vozes do silêncio**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 224.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas, 1966**. Trad. Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GONÇALVES, Marco Antônio. **Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus)**. *Horiz. Antropol.* vol.20 no.42 Porto Alegre jul. / dez. 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1963.

LOBO, Luiza. **Dez anos de Literatura Feminina Brasileira**. 1993.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v.10, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REZENDE, Maria Valeria. **O voo da Guará Vermelha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

REZENDE, Maria Valeria. **Vasto mundo**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Hilton Japiassu (Org.). 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p.17- 42, 1987.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie.; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de.; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 1-15, jan/jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 13 out. 2021.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Unesp, 1992.